



**A MEMÓRIA DO TRABALHO DAS MULHERES NO ESPAÇO PRIVADO: UMA  
ABORDAGEM TEÓRICA**

Thainá Soares Ribeiro<sup>1</sup>  
Rita Radl Philipp<sup>2</sup>

**INTRODUÇÃO**

O espaço de memória ocupado pelas mulheres ao longo da história registra experiências restritas, evidentemente, ao espaço privado. Nesse âmbito, o trabalho, por ser um espaço de transformação e modificação do mundo ocupado por homens e mulheres, é mediado pela divisão sexual do trabalho, fundamentando-se na ideia antagônica entre homens e mulheres e na divisão dos espaços, onde o privado deve ser o ambiente de trabalho para as mulheres e o público o ambiente de trabalho para os homens.

Segundo Hirata (2002), a divisão sexual do trabalho tem um resultado importante na reprodução das várias instituições sociais. Conforme a autora, essa divisão direciona o desenvolvimento escolar, influencia nas expressões que nomeiam os espaços do trabalho, condicionando o que é masculino e feminino. Além disso, Hirata (2002), citando Kergoat, observa que a ideia sobre o trabalho tem que ser expandida para incluir o trabalho doméstico, o trabalho informal e o trabalho não remunerado. A autora ratifica ainda que a divisão sexual do trabalho fundamentada apenas nos papéis atribuídos ao sexo, deve ser ampliada para abarcar a divisão social, tendo em vista o fato de essas diferenças serem marcadas por construções sociais, indo além do biológico. Por conseguinte, a divisão sexual e social são conceitos inseparáveis. (HIRATA, 2002, p.275).

No marco do movimento feminista, especialmente a partir dos anos 1970, as feministas acadêmicas passaram a problematizar e teorizar sobre a divisão sexual do trabalho com vistas a reconceitualização dos conceitos. Dessa forma, os avanços desse movimento colaboraram para colocar em questão o trabalho reprodutivo ou trabalho

1 Discente do programa de Pós-graduação em Memória, Sociedade e Linguagem da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Endereço eletrônico: thainauesb@gmail.com

2 Doutora em Filosofia e Ciências da Educação pela Universidade de Santiago de Compostela. Atualmente é professora da Universidade de Santiago de Compostela e Professora Colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Endereço eletrônico: rita.radl@usc.es



doméstico, pois, durante muito tempo, o conceito de trabalho foi relacionado apenas ao trabalho produtivo, dessa forma definido no enquadramento da sociedade capitalista.

Assim, por conta de toda complexidade que envolve o tema, é fundamental discutir como foi estruturado o espaço privado, a fim de entender a memória do trabalho das mulheres nesse espaço, estabelecendo essa como nossa problemática primordial. Para tanto, identificamos como objetivos específicos analisar as concepções sobre gênero que incidem na divisão do espaço público para os homens e espaço privado para as mulheres, bem como, a memória construída sobre esse espaço, considerando esse ambiente fruto de uma complexa construção que tornou o trabalho das mulheres no espaço privado, por muito tempo, invisível e reduzido na cena histórica, já que os registros históricos sempre privilegiaram os eventos acontecidos na esfera pública.

Embora muitos estudos e progressos tenham sido realizados em relação à ocupação das mulheres aos espaços públicos por conta das conquistas do movimento feminista, o campo teórico é aberto pela discussão acerca da memória do trabalho no espaço privado, tendo em vista ser um caminho que poucos se debruçaram. Portanto, essa é uma discussão precípua e necessária, particularmente referente ao tema do trabalho doméstico, tema principal das nossas reflexões.

## **METODOLOGIA**

O tema que este trabalho propõe analisar abarca diversas esferas. A apreensão e elaboração de categorias teóricas que contribuem para compreender as relações entre memória e trabalho das mulheres no espaço privado, parte do estudo de conceitos e teorias como: gênero, memória, espaço privado e divisão sexual do trabalho, que serão utilizadas como categorias de análises.

O percurso metodológico utilizado foi pautado em uma pesquisa bibliográfica mapeada por meio das categorias mencionadas. Desse modo, ao focalizar nossa análise na pesquisa bibliográfica, estabelecemos como substancial para a realização da pesquisa a contribuição teórico-metodológico e as reflexões desenvolvidas por Pollak (1989; 1992) no campo da memória, considerando que o autor parte do pressuposto que a memória é um fenômeno construído, colaborando para compreender sobre a construção da memória do trabalho das mulheres no espaço privado.

Após focalizar a pesquisa nas outras categorias como gênero, espaço privado e



divisão sexual do trabalho como análise, utilizamos como suporte o estudo de algumas autoras que contribuíram com o conceito e explicações sobre tais categorias, como Simone de Beauvoir (1980), Marisol Recamán (2009), Celi Regina (2001), Mary del Priore (1998), Saffioti (1978), Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy (2007), Hirata (2002) e Perrot (2005).

## RESULTADOS E DISCUSSÕES

A memória concedida como um fenômeno construído socialmente e vinculada nas relações de poder, constitui-se como objeto de disputa nos conflitos sociais (POLLAK, 1989, p.205). Além disso, esse processo de construção provoca um movimento de lembrar e também esquecer. Logo, não se pode considerar a memória como um objeto autônomo, que se sobrepõem aos grupos e conflitos sociais, pois ela não pode ser apresentada com autonomia em relação aos indivíduos.

Com base nessa concepção, Michael Pollak (1989) desenvolveu a categoria *enquadramento da memória*, que caracteriza a maneira seletiva através do qual a memória é constituída. Isto é, por meio de um trabalho de enquadramento se determina a memória compreendida como um fenômeno construído, no qual predominam os conflitos de interesse e as controvérsias características dos grupos sociais dentro dos seus espaços, como a família, local de trabalho, político, etc. O trabalho de enquadramento destaca o que deverá ser escolhido, o que entende ser mais relevante em relação ao que será relegado ao silêncio.

Assim, a memória do trabalho das mulheres no espaço privado, não pode ser separada de sua inserção e interação com as relações de poder no espaço em que vivem. O esquecimento dessa categoria por anos e a responsabilidade de manter no presente e salvaguardar para o futuro uma memória, são sem dúvida objeto de disputa.

Ao enquadrar à memória das mulheres as áreas ditas naturais e adequadas, identificadas com certos tipos de trabalho que reproduzem e direcionam os trabalhos em casa, constrói-se uma seleção e divisão dos espaços, denominado por um sistema que silenciou por muito tempo o espaço privado e o trabalho das mulheres, escolhendo o espaço público como mais relevante para estudos históricos.

A categoria gênero utilizada pelas teóricas feministas, primeiramente, para refletir sobre as diferenças entre os sexos, problematiza as dimensões do poder, afirmando que



gênero pode ser explicado como uma “construção sociocultural, produto das relações sociais desenvolvidas no tempo e que se pode, conseqüentemente, desconstruir” (PERROT, 2005, p.264). Assim, a criação de tal categoria nos possibilitou expandir nosso olhar para a memória do trabalho das mulheres no espaço privado, contribuindo como uma base teórica consciente, além de uma oposição política, haja vista recusar a existência de uma natureza feminina e masculina universal, como bem ressalta Pollak ao destacar a importância de memórias subterrâneas, as quais fazem parte das culturas minoritárias em oposição à memória oficial (POLLAK, 1989, p.4).

A construção da memória através da seleção que privilegiou, por muito tempo, o público em detrimento do privado, segmenta a vida social em esferas distintas e sexuadas. Como decorrência, o trabalho das mulheres no espaço privado se mantém como categoria sociológica profundamente incorporada na ideologia dominante e nas representações sociais marcadas pela visão de mundo patriarcal, inclusive na própria ciência moderna. Portanto, a divisão sexual e social do trabalho inscreve papéis e lugares na realidade social.

## CONCLUSÃO

Após as discussões teóricas e por meio da instrumentalização da memória, se fez possível alcançar uma compreensão mais apurada e completa do objeto de estudo, pois ao relacionar a memória com as demais categorias, foi possível perceber como foram construídas as relações de trabalho no espaço privado, bem como, compreender as concepções de gênero que incidem na divisão dos espaços. Assim, a teorização sobre a memória permite vislumbrar e analisar aprofundando a temática que vai ser pesquisada empiricamente a partir das presentes considerações teóricas.

Por fim, pode-se concluir como motivo do esquecimento do trabalho no espaço privado realizado, na grande maioria, por mulheres, na sociedade capitalista, as relações estabelecidas entre os sexos na determinação dos lugares destinados a homens e mulheres, onde foi relegada a estas posições marginais e de valor menor, em detrimento da posição de superioridade daqueles, em todas as esferas sociais. Ao passo que, mesmo assumindo posições ideológicas contrárias ao modo capitalista e baseadas na igualdade entre os indivíduos, acabou por reproduzir tais valores e concepções, fomentando uma identidade da mulher e do homem, que os aloca em determinadas funções e estabelecem graus de importância, afirmações que ficam claras na desvalorização do trabalho no espaço privado



e na destinação desse trabalho para as mulheres.

**Palavras-chave:** Memória. Trabalho feminino. Gênero. Espaço privado.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Branca Moreira; PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**. São Paulo: Brasiliense, 2007.

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo: fatos e mitos**. Tradução de Sérgio Milliet. 2º. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

DEL PRIORE, Mary. História das mulheres: as vozes do silêncio. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org). **Historiografia brasileira em perspectiva**. São Paulo: Contexto, 1998.

HIRATA, Helena. **Nova divisão sexual do trabalho?** Um olhar voltado para a empresa e a sociedade. São Paulo: Boitempo, 2002.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Trad. Viviane Ribeiro. Bauru: EDUSC; 2005.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n.3, 1989.

RECAMÁN, Marisol. Et. Al (orgs.). **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2009.

REGINA, Celi. (ORG). **Tempo e lugares de gênero**. São Paulo: Fundação Carlos Chagas, Ed. 34, 2001.

SAFFIOTI, H. I. B. **Emprego doméstico e capitalismo**. Petrópolis: Vozes, 1978.